

RENCONTRO

Daniel Defoe

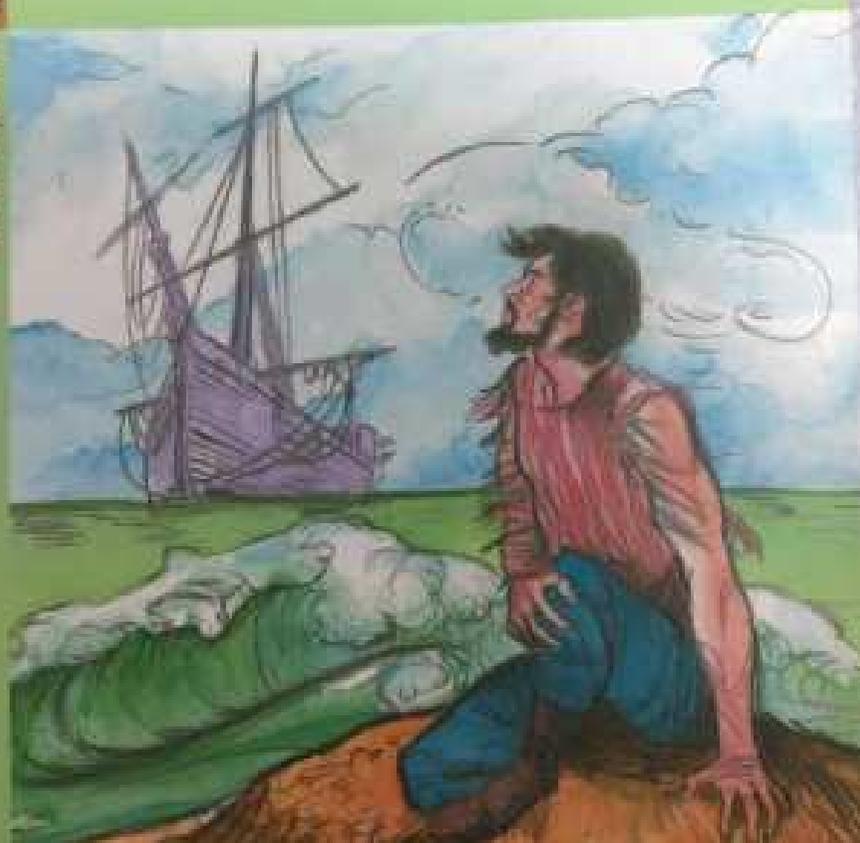
# Robinson Crusôé

A conquista do mundo  
numa ilha

adaptação de  
Werner Zotz

literatura

editora suspiro



Primeira Parte

## Aventura no sangue

1

### Apelo irresistível

Nasci na cidade de Iorque, Inglaterra, no ano de 1632. Meus pais eram típicos representantes da classe média. Aliás, orgulhavam-se disso. Estrangeiro de Bremen, Alemanha, meu pai instalou-se inicialmente em Hull, uma pequena cidade a leste da Inglaterra. Tornou-se um próspero comerciante para depois abandonar seu negócio e ir viver descansado em Iorque. Foi aí que conheceu e casou com minha mãe, de sobrenome Robinson, nascida numa das famílias mais conceituadas da região. Quando me dei por gente, já carregava o sobrenome de Robinson Kreetznaer, os dois nomes lembrando as origens familiares. Demorou pouco para ser chamado de Robinson Crusôé: talvez pela natural tendência dos povos para nacionalizarem nomes, ou então pela característica da minha região natal de abreviar e simplificar as palavras.

7

Tive dois irmãos mais velhos. Um deles era tenente-coronel da infantaria inglesa e foi morto numa batalha contra os espanhóis, perto de Dunquerque, no norte da França. Nunca soubermos, meus pais e eu, o que aconteceu com meu outro irmão. Simplesmente "evaporou-se", sem deixar rastro, sem enviar notícias.

Filho caçula, haviam-me reservado um futuro exemplar: a carreira de advogado, o casamento com uma moça de família tradicional, filhos, prosperidade a ponto de levar uma vida sem sobressaltos ou apertos financeiros, velhice pacata... Enfim, uma vida sem grandes glórias, mas igualmente a salvo de sofrimentos e desgraças. Meus sonhos, porém, eram outros: queria viajar, conhecer o mundo, viver emoções e aventuras...

Minha mãe tentou dissuadir-me usando seus melhores argumentos: alternava momentos de carinho com outros de saudade antecipada, os olhos ameaçando avermelhar-se de choro contido. Ingredientes que, ao lado da preocupação maternal, sempre fizeram parte do seu jogo emocional.

A atitude de meu pai foi a esperada: assim que presenciou o perigo de ter um aventureiro na família, chamou-me para uma conversa reservada:

– Que razões tem você para buscar a aventura, um futuro incerto? Esta sua atitude é característica de quem está em sérias dificuldades ou então de quem quer enriquecer rapidamente... É melhor contentar-se com um padrão de vida de classe média, com garantia de paz e satisfação... Sei que pode não ser muito romântico, mas saiba que as desgraças sempre acabam por atingir os mais ricos e os mais pobres. Nunca a classe média!...

Como nada respondi, meu pai continuou:

## Nasce um marinheiro

Minha partida não foi coisa pensada, premeditada. Simplesmente aconteceu. Já se tinha passado um ano. Durante este tempo, se não saíra de casa, também não aceitara emprego algum, recusando todas as ofertas para iniciar qualquer negócio. Um dia, estava casualmente na cidade de Hull, quando um amigo me contou que ia para Londres no navio do pai. Convidou-me para embarcar com ele. Proposta tentadora: podia subir a bordo como marinheiro, ainda que não conhecesse a profissão. Era o mesmo que me oferecer uma viagem de graça.

Embarquei no dia 1.º de setembro de 1651, sem consultar pai ou mãe. Nem mesmo os avisei.

Assim que o veleiro saiu do porto, foi envolvido por enormes ondas. Durante a noite, a tempestade continuou a brincar com a embarcação, como o gato que maliciosamente se diverte com o rato: depois de encurralá-lo e conhecendo seu próprio poder, sabe que o fim depende exclusivamente de sua vontade e que cabe a ele colocar um ponto final no jogo da morte. A completa escuridão da noite no mar tornava a situação mais assustadora.

Desesperado, arrependido, jurei nunca mais pôr os pés em outro navio, se escapasse daquela enrascada com vida. Sim, meu pai estava carregado de razões...

Na manhã do dia seguinte o mar estava calmo, pacífico, até mesmo romântico... Os propósitos da noite anterior rapidamente deram lugar a outros pensamentos: agora só tinha olhos para a beleza da paisagem.

Por seis dias, navegamos calmamente. Manhãs de céu azul, tardes ensolaradas, vento agradavelmente fresco, crepúsculos com o sol avermelhado no horizonte, estrelas brilhando intensamente nas noites. O corpo acostumou-se depressa à nova realidade. O andar adquiriu o balanço dos velhos homens do mar, acompanhando o movimento das ondas. O enjoo surgido na primeira noite de tempestade desapareceu. Quando aportamos na baía de Yarmouth, ainda na Inglaterra, já me julgava conhecedor dos segredos do mar.

Permanecemos ancorados seis ou sete dias, aguardando vento favorável para subir a correnteza do rio. Outros navios vieram parar ao nosso lado. Quando ele surgiu, veio com intensidade muito maior do que a desejada: não era vento, mas sim uma nova tempestade. Muito perto de nós, dois navios perderam seus mastros. Os vagalhões cresciam, corcoveavam como cavalos selvagens, arremessavam-se contra o casco da embarcação, lambiam o convés de proa a popa. A âncora rolava de um lugar para outro, impotente. O madeirame rangia, agoutando para breve o desmantelamento completo do navio. O terror e o medo estamparam-se nos rostos dos marinheiros e do capitão. No segundo dia, descobriu-se um grande rombo no porão. De nada estavam valendo nossos esforços desesperados. A água bombeada para fora era sempre em menor quantidade do que aquela que forçava passagem para o interior do navio. Ouviram-se então tiros de canhão: era o sinal do capitão pedindo socorro. Um barco pequeno e rápido atendeu aos roucos lamentos. Aproximou-se e atreveu-se a arriar um bote salva-vidas para nos ajudar. Deixamo-nos levar pela correnteza, pelas ondas e pelo vento. Atrás de nós, o navio afundava rapidamente.

Aportamos na costa, em Winterton Ness. Fomos a pé até Yarmouth. As autoridades da vila, considerando-

-nos naufragos, deram-nos comida, abrigo e alguns dinheiros, suficiente para seguir viagem até Londres ou regressar a Hull.

Alojados em diferentes lugares, só fui encontrar meu amigo dois dias depois. Estava acompanhado pelo pai, o capitão do navio naufragado, que então já tinha como eu embarcado, fugindo de casa. O homem não perdeu a oportunidade de dizer o que pensava:

- Meu jovem, é melhor nunca mais embarcar num navio. Você quis viajar como experiência. Muito bem, já teve a experiência. Aceite-a como um sinal de alerta...

Argumentei, dizendo que também ele tinha naufragado e, pelo que podia imaginar, voltaria a correr os mares. O capitão perdeu a paciência comigo:

- Meu caso é diferente. Navegar é minha profissão, meu dever. Deus do céu! O que fiz para ter um miserável destes no meu barco? Nem por mil libras voltaria a navegar com ele...

Virou as costas e foi-se.

### 3

## Escravo dos mouros

A ideia de voltar a lóque foi rapidamente afastada. Que diriam de mim os conhecidos? Não aguentaria ser o alvo dos risos, ainda que disfarçados, dos vizinhos. Podia ver os rostos espiando por trás das janelas à minha passagem, os dedos apontando: "Não foi aquele ali que quis conhecer o mundo e voltou correndo ao primeiro sinal de perigo?".

Resolvi viajar até Londres por terra.

O diabo, quando quer aprontar alguma das suas, sabe como jogar a isca. Em Londres, tornei-me amigo de um capitão que viajava regularmente para a Guiné, nas costas da África. Convidou-me para ir com ele. Não precisava pagar nada pela viagem, bastava-lhe minha companhia para ter alguém com quem conversar, repartir a solidão, sentar-se à mesma mesa. Aconselhou-me ainda a levar alguma mercadoria para trocar com os nativos, talvez até tivesse bom lucro.

Consegui quarenta libras emprestadas de amigos com quem me correspondia. Hoje, acredito que esse dinheiro me tenha sido enviado, indiretamente, por meu pai ou talvez por minha mãe.

Essa viagem fez de mim um mercador e um marítimo: meu prazer de aprender era tão grande quanto o do capitão em me ensinar. As quarenta libras emprestadas, convertidas em mercadorias, transformaram-se em quase três quilos de ouro em pó que, na volta a Londres, me renderam mais de trezentas libras. Meu destino estava traçado: eu era um comerciante bem-sucedido.

Tornei a embarcar no mesmo navio, desta vez sob o comando do antigo imediato. Meu amigo capitão havia morrido. Levava comigo cem libras em mercadorias para troca; as outras duzentas haviam ficado sob a guarda da viúva do capitão, que se tornara uma boa amiga minha.

Difícil imaginar viagem mais infeliz. Ainda perto das ilhas Canárias, fomos surpreendidos e perseguidos por um pirata árabe que vivia em Salé, no Marrocos. Todas as velas desfraldadas, as vergas dos mastros arcadas e rangendo, buscamos ganhar dianteira. Inútil, o barco pirata aproximava-se lenta mas inexoravelmente. A abordagem inevitável era apenas uma questão de tempo.

Respondendo ao seu tiroteio com nossos canhões, conseguimos conter e escapar do primeiro ataque. Na segunda tentativa de abordagem, sessenta dos seus duzentos homens tomaram de assalto nosso convés. Com três mortos e oito feridos, rendemo-nos logo.

Antes mesmo de desembarcar em Salé, já conhecíamos nosso destino. Meus companheiros foram levados para o interior, para trabalhar na agricultura. Eu, de mercador, transformei-me em escravo particular do capitão pirata.

E assim vivi, se é que se pode chamar isto de vida, por dois anos.

## 4

### Fuga para a liberdade

Quando não estava a piratear, meu dono gostava de pescar na baía de Salé. Costumava levar dois homens consigo, para remar e tomar conta do pequeno barco; e um jovem árabe, chamado Xury, seu empregado. Logo ele percebeu que eu era um bom pescador. Vez por outra acontecia de meu dono não ter tempo para pescar, mas ter vontade de saborear um peixe. Maridava-me então para o mar, apenas acompanhado do jovem mouro. Nunca se preocupou com a possibilidade de fuga de seu escravo: o barco era pequeno, eu parecia conformado com minha má sorte, e a saída da baía era constantemente vigiada por homens armados que controlavam todo o tráfego pelo estreito canal de ligação com o mar aberto.